

## RELAÇÕES EXTERNAS

## Na pauta da viagem de Sarney à China, o reequilíbrio comercial

por Maria Helena Tachinardi  
de Brasília

Na viagem que fará à República Popular da China (RPC), provavelmente a partir do dia 4 de julho, o presidente José Sarney assinará com as autoridades chinesas um acordo na área espacial que oficializará o programa conjunto de construção de dois satélites de sensoramento remoto a serem lançados no início da década de 90 a um custo estimado em US\$ 150 milhões, dos quais US\$ 45 milhões caberão ao Brasil.

O programa já está em andamento e será objeto de discussão na visita que o chanceler Roberto de Abreu Sodré fará à China entre 29 deste mês e 6 de maio quando prepara a visita de Sarney e manterá com os chineses a segunda reunião bilateral de consultas políticas. Além da construção dos dois satélites (o primeiro com previsão de lançamento no início da década e o segundo em 1994) para emprego em agricultura, geologia, monitoramento de recursos hídricos e cartografia, os dois governos analisarão formas de reequilibrar o intercâmbio comercial decrescente e passarão em revista a cooperação técnica, científica e tecnológica em geral.

A China é um dos principais parceiros do Brasil, no Terceiro Mundo, na área de tecnologia avançada. Através dessa cooperação, ambos conseguem contornar problemas de restrições impostos pelos países desenvolvidos ao acesso a novas tecnologias.

Segundo o Itamaraty, além do programa espacial, Brasil e China trabalham em informática, biotecnologia, biomassa e agricultura. Por terem produções agrícolas similares (soja, arroz e trigo), a cooperação brasileira devido ao avanço nessa área é importante.

Os diplomatas brasileiros destacam complementaridade entre os dois países em matéria tecnológica. No caso dos satélites, enquanto a China está mais desenvolvida em foguetes, com seu programa "longa marcha" que compete no mercado mundial de lançamento com o Ariane francês e o ônibus espacial norte-americano, o Brasil apresenta maior avanço em sensoramento remoto, com os programas do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Do ponto de vista político, depois da Argentina, a China é o parceiro que mais se aproxima das posições brasileiras nas votações da Organização das Nações Unidas (ONU). Há coincidência em matéria de dívida externa, condenação ao "apartheid" e crise na América Central. Além disso, os dois países têm praticamente as mesmas dimensões territoriais e influências regionais com impactos semelhantes.

Em catorze anos de restabelecimento das relações diplomáticas houve progressos sensíveis no intercâmbio, admitem os diplomatas do Itamaraty. No campo comercial, as cifras chegaram ao seu nível



Roberto de Abreu Sodré

mais elevado em 1985, com US\$ 820 milhões de exportações brasileiras e US\$ 240 milhões de importações provenientes da China. Nos últimos dois anos, no entanto, o intercâmbio vem decrescendo, passando de US\$ 180 milhões em 1986 para US\$ 600 milhões, no ano passado. Essa queda se explica, de acordo com fontes da chancelaria, pelo declínio dos preços do petróleo (88% das vendas chinesas ao Brasil) e por dificuldades de negociar preços de siderúrgicos brasileiros com o governo chinês. Além de minério de ferro e ferro-gusa, a China, importa óleo de soja, alumínio em bruto, petroquímicos, papel e fibras sintéticas.

O principal parceiro co-

## Oportunidades em Moscou

por Cynthia Malta  
de São Paulo

Por cerca de US\$ 5 mil é possível ao pequeno ou médio fabricante brasileiro de jeans saber se a comercialização de seu produto é viável no mercado norte-americano ou não. A pesquisa de mercado é promovida pela Saena Inc., escritório de assessoria ligado ao grupo brasileiro Saena, cuja previsão é intermediar negócios no valor de US\$ 8,4 milhões neste ano apenas no segmento de jeans.

"O mercado dos EUA tem condições de absorver cerca de 100 mil peças de jeans por mês da produção do pequeno e médio fabricante nacional", avalia o presidente do grupo Saena, Márcio Miranda, que também dirige negócios na área de importação de máquinas operatrizes soviéticas para o Brasil e a América Latina. Com o escritório de assessoria instalado há oito meses nos

EUA, Miranda diz que tem recebido pedidos de pesquisa de mercado dos mais variados setores, "de testes de gravidez a cabos de vassoura".

Segundo ele, o empresário de pequeno ou médio porte no Brasil, "com a retração do mercado interno, está procurando direcionar sua produção ao exterior, só que está totalmente despreparado". Ao detectar essa "falha" o grupo Saena, além de atuar nos Estados Unidos, pretende abrir um novo escritório em Moscou no segundo semestre deste ano. "Com a 'glasnost' a URSS está pronta a importar mais do Brasil", diz Miranda, acrescentando que os produtos manufaturados nacionais têm chances significativas de aumentar a sua penetração naquele mercado. No ano passado o intercâmbio comercial entre os dois países registrou saldo favorável ao Brasil de US\$ 353,6 milhões, concluiu.

mercado dos chineses é o Japão, responsável por 35% das necessidades de importação da China que, por sua vez, coloca no mercado japonês 20% do total de suas exportações.

As vendas brasileiras

correspondem a 2,3% das importações chinesas.

O chanceler Abreu Sodré se encontrará em Pequim com o novo ministro das Relações Exteriores, Qian Qichen, e com o novo primeiro-ministro Li Pen.